



## Práticas Inclusivas e o impacto no ambiente escolar: um diálogo com professores de AEE em Abaetetuba-PA

SILVA, Ana Flávia Dias da <sup>1</sup>  
SENA, Eduardo Maués <sup>2</sup>  
CARVALHO, Márcia Monteiro <sup>3</sup>

**RESUMO:** A pesquisa faz parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Ensino/Aprendizagem de Língua Portuguesa e Espanhola na Perspectiva da Inclusão, através da Universidade Federal do Pará – Campus Abaetetuba. Tem como objetivo analisar as perspectivas de 02 docentes do Atendimento Educacional Especializado (AEE) acerca do processo de ensino e aprendizado de discentes do 6º ao 9º ano do Fundamental, 1º ao 3º ano do Médio, incluídos na Escola São Francisco Xavier, localizada na cidade de Abaetetuba – Pará. Além disso, visamos. i. compreender a importância das práticas pedagógicas inclusivas; ii. como se apresentam e iii. influência no ambiente escolar, principalmente no impacto sobre os alunos público-alvo do AEE. Utilizamos os trabalhos de Carvalho (2017); Lima, Carvalho e Mendes (2025); Souza e Oliveira (2025); Freire (2015), etc, como fundamentação teórica. A abordagem é qualitativa e como instrumento de coleta de dados uma entrevista estruturada. Na análise de dados identificamos os principais desafios enfrentados no processo de ensino e aprendizagem que vão desde a necessidade de Formação Continuada para os docentes, a negligência na efetivação de políticas públicas, até a escassez de participação familiar no processo de ensino. O resultado permitiu refletir sobre a necessidade de criar e adaptar propostas para atender discentes incluídos no ensino regular e AEE. A experiência no projeto PIBID tem sido significativa para os professores em formação, pois proporciona passar pelo processo de observação até a realização de práticas pedagógicas com os alunos durante o estágio no projeto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação inclusiva; Estratégias de ensino; Práticas pedagógicas.

### 1 INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), segundo o Decreto 7.219/2010, art. 1º, “tem por finalidade fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e

<sup>1</sup> Graduanda em Letras-Espanhol, Bolsista PIBID, Universidade Federal do Pará, *Campus Abaetetuba*, [ana.flavia@abaetetuba.ufpa.br](mailto:ana.flavia@abaetetuba.ufpa.br)

<sup>2</sup> Graduando em Letras-Português, Voluntário PIBID, Universidade Federal do Pará, *Campus Abaetetuba*, [eduardosena1616@gmail.com](mailto:eduardosena1616@gmail.com)

<sup>3</sup> Coordenadora do Subprojeto PIBID. Professora Adjunta do curso Letras Libras da UFPA-Falem-ILC-Campus Belém. Pós-Doutora em Estudos Linguísticos na UFMG (PosLin). Doutora em Estudos da Tradução (PGET/UFSC). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras na UFPA e Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na UFSC, [mmcarvalho@ufpa.br](mailto:mmcarvalho@ufpa.br)



para a melhoria de qualidade da educação básica pública brasileira” (Brasil, 2010). Nosso interesse pela pesquisa ocorreu quando entramos em contato com escolas públicas e percebemos que não é uma tarefa fácil integrar alunos e professores por meio de acesso a ferramentas que permitam um melhor ensino e aprendizagem na sala de aula regular. Principalmente quando voltamos nossos olhares aos alunos público-alvo do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Este espaço tem um papel importante na democratização do acesso ao ensino. O público do AEE é definido segundo a resolução 04/09, como os alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação (Brasil, 2009).

Para práticas inclusivas no ensino de Língua Portuguesa deve-se considerar estratégias que atendam aos alunos com diferentes necessidades educacionais como: deficiência visual, auditiva, intelectual, transtornos de aprendizagem (como dislexia) e pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) (Lima; Carvalho; Mendes, 2025, p. 148-149).

No que se refere ao ensino de Língua Portuguesa ao mencionar categorias como deficiências sensoriais (visual e auditiva), deficiência intelectual, transtornos de aprendizagem e o Transtorno do Espectro Autista-TEA, os autores reconhecem que não há um único perfil de estudante — e que o ensino precisa ser flexível para acolher essa pluralidade. Isso exige que o professor de língua vá além da abordagem tradicional da leitura, escrita e gramática.

Como fundamentação teórica, utilizamos Carvalho (2017), Lima, Carvalho e Mendes (2025) e Souza e Oliveira (2025), Freire (2015) que possibilitam compreender os processos envolvidos no ensino e aprendizagem. O objetivo da pesquisa é analisar as perspectivas docentes acerca dos aspectos que rodeiam o processo de ensino e aprendizado de discentes do 6º ao 9º ano do Fundamental, 1º ao 3º ano do Médio, incluídos na rede regular de ensino, Escola São Francisco Xavier. Além disso, visou identificar a importância das práticas pedagógicas inclusivas, como se apresentam e sua influência no ambiente escolar, principalmente no impacto que têm sobre os alunos público-alvo do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Além do mais, verificar quais os principais desafios enfrentados pelos docentes no processo de ensino da língua portuguesa e espanhola.

Trazer para a discussão o tema *Práticas Inclusivas: caminhos para a aprendizagem significativa*, nos revela a importância de refletir sobre o verdadeiro significado de uma escola democrática e acolhedora para com todos os alunos. A inclusão, além de



proporcionar o acesso à sala de aula, exige que cada aluno tenha sobre si um olhar atencioso que valorize suas particularidades para que sejam atendidas de maneira a estimular suas potencialidades.

Segundo Souza e Oliveira (2025, p. 3), “a democratização da escola, portanto, não se restringe à matrícula universalizada, mas envolve a garantia de condições pedagógicas, curriculares e relacionais que efetivamente assegurem o direito de aprender”. Nesse sentido, a inclusão escolar precisa ser entendida como um processo contínuo de transformação das práticas e das relações que acontecem dentro desse ambiente. O papel do professor é fundamental, pois garante a troca de conhecimentos, identifica as dificuldades, guia o aluno valorizando suas diferenças. Com sensibilidade, profissionalismo e criatividade é capaz de tornar o ambiente mais acessível.

Entende-se que a escola precisa revisar seus métodos e metodologias, reconhecer e valorizar as capacidades presentes no contexto de ensino, em especial nesse caso no ensino de línguas que envolvem a leitura e escrita, assim como os diferentes modos de ensinar e aprender.

Pode-se mensurar que as tecnologias de escrita, instrumentos das práticas sociais de leitura e de escrita, desempenham um papel de reorganização do ensino voltado para a mudança da prática pedagógica, metodologias diferenciadas para o ensino de leitura e escrita se faz necessário com o uso de recursos pedagógicos acessíveis: materiais táteis, *audiobooks* e vídeos com janela de Libras, vídeos com legendas, etc. Além do mais, é indispensável o manuseio de estratégias específicas para o ensino de leitura e escrita de português para pessoas com deficiência (Lima; Carvalho; Mendes, 2025, p. 153-154).

Diante do exposto, as ações inclusivas no ambiente escolar são essenciais para a verdadeira inserção do aluno no ambiente e seu real aprendizado, revelando um caráter significativo para a formação de indivíduos críticos e com autonomia para serem capazes de se posicionarem em diversas situações e contextos como aponta Freire (2015). A construção dessa realidade é um trabalho que envolve o esforço de profissionais escolares, das famílias e depende de políticas públicas que impulsionam ações e transformações na vida e educação de cada aluno.

De acordo com Carvalho (2017) a democratização da escola deve ocorrer, uma vez que tem papel crucial no ensino de português para discentes surdos, por exemplo, que também é público do AEE.

A escola é responsável por preparar um ambiente proporcionador de novas experiências para os alunos incluídos. Quando se pensa em escola inclusiva que atua com a proposta bilíngue se imagina as crianças surdas utilizando a



língua de sinais e a língua portuguesa no ambiente escolar de maneira fluída, entre os colegas, os professores, com o intérprete para intermediar a comunicação com o professor durante as aulas, contudo não é essa a realidade vigente (Carvalho, 2017, p. 23).

A autora denuncia o hiato entre teoria e prática na inclusão de alunos surdos, destacando que a simples presença física do aluno na escola não garante inclusão real. É preciso criar um ambiente onde ele possa interagir, aprender e se desenvolver plenamente por meio de sua língua natural — a Libras — e também acessar a Língua Portuguesa, escrita, de maneira significativa. Para isso, toda a comunidade escolar precisa estar envolvida e preparada. Nesse sentido, identifica-se que o problema está ligado a não qualificação de profissionais da sala regular e do AEE. É preciso investimentos nesses profissionais para mudar a realidade do público atendido.

Após essa breve explanação teórica será apresentado o capítulo metodológico utilizado, análise de dados da entrevista realizada com docentes sobre sua prática educacional no colégio São Francisco Xavier, seguido das considerações finais, referências e um Apêndice em que consta os registros de atividades realizadas em conjunto com os professores do AEE, na qualidade de bolsistas do PIBID.

## 2 METODOLOGIA

Este artigo é fruto de uma das atividades realizada pelo subprojeto PIBID *Ensino e Aprendizagem de Língua Portuguesa e Espanhola na Perspectiva da Inclusão* vinculado à Universidade Federal do Pará – Campus Abaetetuba. É coordenado por três professores (dois do curso de Letras Língua Portuguesa e Língua Espanhola), dois supervisores docentes de duas escolas do município de Abaetetuba (um de cada curso) e 16 discentes dos dois cursos.

A pesquisa é um instrumento essencial para a construção do conhecimento, uma vez que aponta para a possibilidade de analisar e conhecer um determinado objeto, para que haja uma nova aferição. Segundo Gil (2007, p. 17), pesquisa é um:

Procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.



O autor destaca que a pesquisa é guiada pela lógica e por etapas organizadas. Isso é fundamental porque diferencia a pesquisa científica de opiniões pessoais ou senso comum, pois segue uma metodologia estruturada e busca resultados objetivos e verificáveis.

A metodologia utilizada nesta pesquisa é de abordagem qualitativa e como instrumento de coleta de dados realizamos uma entrevista estruturada com 02 professores do AEE do Colégio São Francisco Xavier, localizado na cidade de Abaetetuba. O público-alvo atendido no AEE são os alunos com deficiência do 6º, 7º, 8º e 9º anos do Fundamental; 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio. Para direcionar a coleta de dados da pesquisa listamos 10 perguntas (nem todas serão apresentadas para fins didáticos) que nos ajudaram a compreender como funciona a rotina de quem atua com este público.

Antes de iniciarmos a coleta de dados os entrevistados receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE que informa os participantes sobre todos os aspectos do estudo, garantindo que possa consentir de forma voluntária, informada e consciente, após ter seus direitos e as características da pesquisa (como objetivos, riscos e benefícios) totalmente esclarecidos. A entrevista foi em formato dialógico com os professores do AEE. No colégio havia 04 professores do AEE, mas somente 02 participaram.

Na seção seguinte há os resultados e discussões que obtivemos por meio das perguntas 1, 3, 5, 7 e 8 da entrevista. Todo o processo foi gravado em áudio e posteriormente transcritas pelos discentes pibidianos sob a supervisão da coordenadora do subprojeto que também é autora. Após as referências há um Apêndice no qual apresentamos uma das atividades realizadas com os alunos do AEE no Colégio São Francisco Xavier no contexto PIBID.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Nesta seção apresentamos os resultados da entrevista seguidos de recortes referente as perguntas selecionadas e foram transcritos com base nas respostas dos 02 entrevistados. Destacamos com sublinhados os pontos mais importantes seguidos de análises. Não utilizaremos respostas individuais para fins didáticos, uma vez que são similares.

1. Quais estratégias pedagógicas você considera mais eficazes para promover a aprendizagem significativa dos estudantes no AEE?



*Todas são importantes, a começar do acolhimento da família do aluno, a questão da avaliação educacional, na preparação do plano de desenvolvimento individual, a relação do professor do AEE com o professor do ensino regular e coordenação pedagógica [...].*

Nas respostas percebemos que os entrevistados consideram as estratégias pedagógicas além do ensino formal, pois valorizam desde o atendimento aos familiares a relação do professor do AEE com o professor do ensino regular e coordenação pedagógica. Este aspecto é muito significativo no processo porque considera todos como co-participantes.

3. De que maneira o planejamento das atividades no AEE dialoga com o currículo da sala de aula regular?

*O AEE não é visto como uma “sala de reforço” que trabalha diretamente os conteúdos da sala de aula do ensino regular [...] mas no nosso dia a dia fazemos esse trabalho através da verificação do caderno do aluno, das atividades que vem, tentamos mesclar as atividades do AEE com as atividades do ensino regular [...].*

Sobre a forma que o planejamento do AEE dialoga com a sala de aula regular, destacaram o papel do AEE que não deve ser visto como uma sala de reforço da sala regular que tem como papel trabalhar diretamente os conteúdos curriculares. No AEE visam auxiliar as dificuldades que os alunos apresentam, bem como potencializar suas habilidades. Evidenciaram também que realizam o trabalho através da verificação do caderno do aluno, das atividades que são feitas em sala regular e buscam relacionar com a proposta do AEE. Por exemplo, se o aluno tiver um texto que exige interpretação o AEE trabalhará com os objetivos do AEE. Esta estratégia está em consonância com o posicionamento de Souza e Oliveira (2025) acerca dos profissionais estarem preparados para atender este público.

5. Quais desafios você encontra para tornar a aprendizagem significativa em um contexto inclusivo?

*São diversos desafios, passando pelo governo, pela questão estatal, o financiamento nessa área da educação, porque se fala da política de educação inclusiva, mas de fato a gente não vivencia porque se o aluno precisa do intérprete de libras, ficamos buscando por vários meses e na maioria das vezes não conseguimos. A criança, adolescente precisa de um profissional de apoio na sala do ensino regular, mas não consegue, [...]. Tem também a questão da família ou do próprio aluno que às vezes não aceita a necessidade que tem, além de existirem professores que não são sensíveis a esse tema e não tem conhecimento adequado [...].*

De acordo com os entrevistados, o ensino em uma escola da rede pública está geralmente ligado a dificuldades enfrentadas, e no caso da Escola São Francisco



Xavier não é diferente. Afirmam que há muitos desafios, passando pelo descaso do governo e o baixo investimento em educação. Fazem críticas a questão da política de educação inclusiva que é parcialmente vivenciada. Denunciam alguns casos de ausência de profissional intérprete de Libras para os discentes surdos. Ademais, ressaltam que há falta de profissional de apoio para discentes com TEA na sala do ensino regular, dificultando o processo de aprendizagem.

Há também a questão familiar que insiste em não aceitar a condição de seus filhos como pessoas com deficiência. No que diz respeito à participação da família, afirmam que nem todas estão engajadas na aprendizagem. Porém, a equipe do AEE sempre reforça que é importante que a família participe ativamente da vida escolar de seus filhos dialogando com professores da sala de aula regular e profissionais do AEE. Há denúncias de profissionais que não compreenderam a política de inclusão e não apresentam empatia com o público do AEE, inclusive ressaltam a falta de Formação Continuada dialogando com o que pontuam Lima, Carvalho e Mendes (2025).

7. Em sua experiência, quais práticas inclusivas têm contribuído mais para a autonomia e participação dos alunos no processo de aprendizagem?

*Uma das coisas mais significativas foi ter aberto as portas do AEE, tem muitos jogos, dinâmicas, computador, a sala é sempre um espaço aberto aos alunos [...]. Tem grande frequência a vinda de diversos alunos que querem e gostam de estar aqui nesse espaço. Isso favorece muitos alunos no sentido da socialização do aprendizado e na quebra de estigmas [...].*

Acerca das práticas inclusivas da escola que contribui para mais autonomia dos estudantes, os entrevistados relataram um ponto significativo que está relacionado com a abertura das portas do AEE, uma vez que nesse espaço há muitos jogos, dinâmicas, computadores etc. E o fato de a sala ser sempre um espaço aberto aos alunos com deficiência e sem deficiência, visto que favorece a frequência de vários alunos que querem estar nesse espaço. Outro ponto positivo é a socialização e a ruptura de estigmas associados aos que são atendidos pelo AEE.

8. Acredita que o incentivo à formação continuada (cursos, oficinas, grupos de estudo) tem impacto sobre sua atuação no AEE?

*É muito importante a formação continuada para profissionais do AEE, infelizmente são poucas, tanto para gente quanto para professores do regular [...]. [...] se queremos ter alguma formação continuada nesse sentido, devemos procurar, praticamente não há incentivo do governo, principalmente após a pandemia.*



Sabe-se que para um ensino de qualidade não podemos levar em consideração somente a formação discente, mas principalmente aqueles que formam. Os entrevistados evidenciaram que a Formação Continuada para profissionais do AEE, infelizmente, não é disponibilizada com frequência, o mesmo ocorre com os professores do ensino regular. Registraram que às vezes, quando tem Formação Continuada para os profissionais do AEE os do ensino regular não podem participar. Sabe-se que as informações sobre como melhorar a prática pedagógica de alunos com deficiência devem ser atualizadas e compartilhadas com a comunidade escolar.

Expõem ainda que, aqueles que desejam uma melhor formação, precisam arcar com a despesa, pois nota-se a negligência por parte do governo. Todo esse discurso confirma o que os autores Lima, Carvalho e Mendes (2025) discutem que é extremamente desafiador e necessário investir nos docentes a fim de que possam prestar um serviço de qualidade nas escolas e estimular o exercício da Formação Continuada a partir deles.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluimos que a partir da análise de dados da pesquisa identificamos os principais desafios enfrentados no processo de ensino e aprendizagem que vão desde a necessidade de Formação Continuada para os docentes, a negligência na efetivação de políticas públicas, até a escassez de participação familiar no processo de ensino dos discentes. Esses dados nos permitiram refletir sobre a necessidade incentivar e cobrar dos órgãos públicos mais Formação Continuada para os profissionais da educação a fim de criar e adaptar propostas para atender discentes incluídos na sala de aula regular e AEE.

Além disso, é indispensável articular com os docentes e supervisores as estratégias que potencializam a aquisição de conhecimento de forma inclusiva. A experiência como pibidianos tem sido significativa, pois proporcionou aos futuros professores passar pelo processo de observação até a realização de práticas inclusivas supervisionadas pela coordenadora e supervisora. Diante disso, é possível pensar em uma educação mais inclusiva a partir do uso de recursos didáticos concretos para apresentar aos alunos com deficiência e assim realizar uma educação com mais qualidade.



No Apêndice no final deste documento há registros de uma das atividades que realizamos com os discentes, docentes do ensino regular e professores do AEE. Trata-se de uma gincana inclusiva que visou trabalhar o ensino de Libras.

## 5 AGRADECIMENTOS

A construção deste artigo não seria possível sem a contribuição da Universidade Federal do Pará, agradecimento estendido à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio e financiamento à iniciação à docência por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Ministério da Educação**. Resolução 04 de 2 de out. de 2009. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2009.

BRASIL. **Portaria Normativa Nº 72, de 9 de abril de 2010**. Dá nova redação a Portaria que dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, no âmbito da CAPES. Diário Oficial da União, n. 68, seção 1, p. 26-27, 2010.

CARVALHO, Márcia M. **Avaliação da compreensão escrita de alunos surdos do Ensino Fundamental Maior**. Novas Edições Acadêmicas- NEA, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LIMA, Reinaldo Feio; CARVALHO, Márcia Monteiro; MENDES, Sandra Karina Barbosa. Os desafios na formação de professores na perspectiva da educação especial sob o olhar de docentes amazônidas. **Formação de professores com uma perspectiva inclusiva**. [livro eletrônico]. MANRIQUE, Ana Lúcia; VIANA, Elton de Andrade (Orgs), São Paulo: LF Editorial, 2025, p. 139-174.

SOUZA, Nora Nei Pereira de; OLIVEIRA, Elineide Cavalcanti de; CRUZ, Patricia Silva da; SILVA, Maria do Carmo dos Reis; LEITE, Belmize. Educação Inclusiva e Formação Docente: Horizontes de Democratização da Escola no Século XXI. **Educação & Inovação**, [S. l.], v. 1, n. 7, 2025. Disponível em: <https://www.educacaotecnologica.com.br/index.php/ojs/article/view/92> . Acesso em: 26 set. 2025.



## APÊNDICE

### Imagem 1: Formação em Libras



Fonte: Autores (2025)

Formação em Libras para turmas do 6º, 7º, 8º e 9º anos, a atividade foi com base em um livro indicado para cada série. Os professores retiraram 30 palavras e nós em conjunto com a intérprete de Libras da escola ensinávamos os sinais para os alunos para que participassem e utilizassem esse conhecimento na *Gincana de Linguagens*.

### Imagem 2: Gincana em Libras



Fonte: Autores (2025)

Este registro foi do dia da *Gincana de Linguagens*, neste momento os alunos participaram do soletrando fazendo a sinalização das palavras em Libras. Este evento conseguiu realizar pela primeira vez o soletrando em Libras e foi promovido pela escola em parceria com os pibidianos e a supervisora PIBID.